

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIANA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA PEDAGÓGICA

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
Agente de Apoio em Educação Especial

Atividades diárias na construção de hábitos saudáveis.

Os espaços de educação reúnem crianças de várias idades, provenientes de diferentes famílias, o que favorece a sociabilidade e a ampliação dos conhecimentos. Ao mesmo tempo, o contato cotidiano e prolongado de crianças em ambiente coletivo demanda alguns cuidados para preservar a segurança e a saúde de todos os envolvidos.

Embora seja esperado que as crianças usuárias de creches e pré-escolas, na maior parte do tempo, sejam saudáveis, isto não impede que o risco potencial de transmissão de vírus, bactérias, fungos e parasitas exista, sobretudo porque as infecções que afetam essa faixa etária podem ser assintomáticas ou transmitidas ainda na fase de incubação, quando as manifestações clínicas não são evidentes.

As crianças menores de dois anos têm maior suscetibilidade às infecções, porque seu sistema imunológico está em desenvolvimento, além do que, pela característica do seu processo de desenvolvimento, levam as mãos e os objetos à boca com frequência.

Para que o ambiente das escolas seja seguro, sob o ponto de vista sanitário, recomenda-se, a exemplo do que já ocorre em outros países, o emprego de precauções-padrão, cuidados que visam à segurança biológica de todos os envolvidos, independente da informação que se tenha sobre o estado de saúde das crianças, famílias e profissionais.

O termo precauções-padrão foi criado pelo Center Disease Control (CDC), uma instituição que tem a função de informar, estudar e sugerir medidas de controle de doenças em todo o mundo. Existem precauções-padrão específicas para serviços de saúde, suporte básico de vida na comunidade e também para centros de cuidados diários infantis, semelhante às creches ou escolas de Educação Infantil e que foram adaptadas, pelas autoras deste artigo, para o nosso contexto.

Adaptar às precauções-padrão para creches e pré-escolas requer considerar a dinâmica de funcionamento destes ambientes em suas dimensões físicas, funcionais, temporais e relacionais.

As precauções-padrão partem do princípio de que todos os fluidos e secreções eliminados pelo corpo, como sangue, linfa, leite materno, catarro, vômito, fezes, pus, saliva, gotículas eliminadas durante a fala, tosse, espirro podem ser veículos de micro-organismos que causam doenças, conhecidas ou não. Com base neste fato, recomendam-se cuidados que visam à redução do contato com esses fluidos por meio de métodos de barreira; procedimentos específicos para prestar cuidados e limpeza imediata das superfícies, objetos ou mãos contaminadas com eles.

Observa-se, que as medidas que visam à prevenção de doenças são restritas ao afastamento da criança já doente e ao uso de desinfetantes químicos no ambiente físico, às vezes sem critérios adequados. Entretanto, o que determina maior ou menor risco de disseminação das doenças no coletivo são, sobretudo, os modos como as pessoas se relacionam, organizam e utilizam o espaço, realizam a troca de fraldas, o preparo e a oferta de refeições, sucos, água e fórmulas lácteas, a higiene oral e pessoal da criança, a remoção das secreções nasais e demais cuidados.

O mais significativo meio de transmissão de patógenos é pessoa a pessoa. Isto porque é característico da criança, na fase oral, explorar o ambiente com as mãos e com a boca. Assim, de modo não intencional, ela acaba compartilhando suas secreções com as demais crianças e também se contaminando com os patógenos disseminados no ambiente por meio das mãos de outras pessoas que lá convivem. Esse risco é ainda maior nos grupos em que as crianças usam fraldas ou ainda estão aprendendo a usar o banheiro. Por exemplo, crianças que já têm certa autonomia e usam o sanitário sozinhas.

Muitas vezes, esquecem de lavar as mãos e, ao retornarem à sala, manipulam brinquedos que compartilham com outras crianças. Além disto, os menores de dois anos são dependentes dos cuidados prestados pelos pais e educadores, que por meio das próprias mãos, podem veicular os micróbios e parasitas. Outra forma de transmissão é o partilhar objetos de uso pessoal como sabonetes, buchas, toalhas, lençóis, escovas de dentes, pentes, bonés, mamadeiras e chupetas. Alguns micróbios e parasitas são transmissíveis também pela água e pelos alimentos, o que requer rigor nos cuidados com o abastecimento e consumo de água, preparo e oferta das refeições, higiene dos utensílios e esterilização das mamadeiras.

As doenças transmitidas pelo sangue, pelas características da faixa etária atendida. Entretanto, há que se adotar medidas preventivas sempre que uma criança apresentar sangramento devido a acidentes, mordidas profundas causadas por um colega ou hemorragia nasal.

A união que faz a diferença.

Para que se efetive uma boa prevenção é necessário unir cuidado e educação, família e escola. É importante que a instituição de Educação se torne um espaço de construção de hábitos saudáveis, onde crianças aprendam práticas de cuidados pessoais, mas não fiquem tolhidas para construir conhecimentos sobre o mundo que as cerca. Isso exige profissionais habilitados e sensíveis, facilitadores de vivências diárias que estimulem e promovam o autocuidado da criança.

A reflexão e a prática devem possibilitar um esforço de integrar o cuidado objetivo e técnico ao cuidado subjetivo e simbólico. Com isso, procura-se entender os cuidados como momentos de aprendizado, brincadeira e tomada de consciência do próprio corpo e do corpo do outro.

Os aspectos culturais relativos à higiene devem ser considerados, já que hábitos de higiene pessoal e do ambiente variam entre grupos e são reveladores de valores diferentes entre pais e educadores. Portanto, é necessário haver constante diálogo entre a escola e as famílias para que, juntos, possam cuidar e educar as crianças.

Higiene pessoal e autocuidado

É preciso prever organização espacial e rotina de tal forma que simultaneamente proporcionem a cada criança e ao conjunto delas conforto e segurança, prevenção de acidentes e de doenças transmissíveis. É necessário também existir orientação didática específica visando à aprendizagem do autocuidado.

Tratando-se de espaço coletivo, determinados cuidados diferem daqueles realizados no ambiente doméstico. A prevenção desses riscos começa no planejamento e manutenção das instalações sanitárias, estendendo-se até a capacitação dos educadores, para que empreguem procedimentos adequados para a troca de fraldas, banho, lavagem de mãos, higiene oral e cuidado com o ambiente.

a) Banho

Algumas creches incluem o banho em suas atividades. Outras não. Contudo, ele é recomendável para as crianças que usam fralda e permanecem na creche em período integral, pois proporciona conforto, relaxa e mantém a saúde da pele. Também é aconselhável a todas as crianças nos dias quentes e após atividades com areia, terra, água, tinta e ao ar livre.

A criança, ao ser cuidada, vai gradativamente adquirindo segurança, autonomia e aprendendo a se cuidar, com a ajuda e orientação. Durante o banho, por exemplo, a criança que ainda depende do adulto experimenta sensações, realiza movimentos, toca a água, é tocada por ela e interage com o educador.

Esses são momentos privilegiados de construção da consciência corporal e do estabelecimento de intimidade e vínculo com as pessoas que regularmente cuidam dela. O tipo de contato físico do professor durante os cuidados é uma linguagem que informa a criança sobre quem ela é, contribuindo para a construção da sua autoimagem e estima.

b) Troca de fraldas

Para a troca de fraldas, dois métodos podem ser adotados: com ou sem uso de luvas descartáveis. É importante que profissionais da creche e pais saibam que o uso de luvas durante os procedimentos de troca de fraldas não é imprescindível, segundo recomendações do CDC. Alguns educadores preferem usá-las pelo desconforto que sentem ao entrar em contato com fezes. Nesse caso, além de orientação sobre a técnica correta de vestir e retirar luvas, esses educadores precisam saber que seu uso não substitui a lavagem das mãos.

Outro aspecto importante é forrar com uma toalha individual da criança o colchonete onde é realizada a troca e, sobre ele, na altura das nádegas, colocar papel toalha descartável. Este procedimento evita a contaminação da superfície. O educador deverá ser treinado para executar o procedimento com segurança, sem contaminar a superfície ao redor, sua roupa e a da criança. Por isso, não é aconselhável que os educadores façam a pré-lavagem das fraldas de pano sujas. Essa prática (tradicional no passado das creches) propicia a contaminação do próprio educador e do ambiente, pois é grande a chance de respingar material fecal. Neste caso, é necessário prever com os familiares da criança um esquema de acondicionamento e envio das fraldas de pano para lavagem em casa ou na lavanderia da creche. O ideal é o uso de fraldas descartáveis.

c) Higiene das mãos

A lavagem das mãos é princípio básico de higiene. Constitui recurso simples e altamente eficaz na prevenção de doenças, bem como importante prática social a ser aprendida pelas crianças no processo de socialização. É possível e desejável que as crianças lavem as mãos de forma

prazerosa, na frequência necessária e de modo correto. Mesmo porque “adoram mexer com água” e gostam de observar muitas coisas, entre elas a espuma do sabonete em suas mãos.

Mãos mal lavadas de crianças e funcionários, ao tocarem superfícies e objetos como brinquedos, torneiras, pias, mesas, cadeirões para refeições de lactentes, corrimãos ou o próprio corpo, veiculam diversos patógenos, disseminando-os no ambiente e gerando um círculo vicioso progressivo de contaminação–transmissão.

A disponibilidade de pias em locais estratégicos e acessíveis às crianças e adultos, com água corrente, sabonete líquido, papel toalha constitui recurso estimulante para que essa prática efetivamente aconteça no ambiente. Desenvolver o hábito de lavar as mãos – nas crianças e na equipe – após os cuidados pessoais, atividades, uso do sanitário e antes das refeições, requer condições materiais. Acima de tudo, são necessários educadores cientes da importância da própria higiene pessoal, a fim de servirem de modelo para as crianças.

d) Higiene do ambiente

O termo ambiente refere-se ao conjunto do espaço físico e às relações que nele se estabelecem. O ambiente educativo é constituído por dimensões físicas, funcionais, temporais e relacionais, que no caso das instituições de Educação têm por principal objetivo promover a aprendizagem e o desenvolvimento. Não basta adotar, exclusivamente, precauções padronizadas para o controle de infecções, mas pensá-las acontecendo em um contexto educativo.

Procedimentos e atitudes para um banho prazeroso e seguro.

Lavar a banheira e organizar todo o material necessário enquanto a criança fica protegida em um bebê-conforto ou cadeira apropriada para sua idade.

Contar à criança que ela irá tomar banho. Retirar a fralda suja.

Remover os resíduos com lenços umedecidos descartáveis ou água corrente antes de colocá-la na banheira.

Verificar a temperatura da água, com a parte interna do antebraço, em primeiro lugar.

Colocar a criança na água gradativamente.

Permitir que ela usufrua do contato com a água, brinque, toque e sinta seu próprio corpo.

Ao tocar a criança, faça-o com carinho e suavidade.

Ensinar as crianças a higienizar seus genitais (meninas de frente para trás e meninos abaixando cuidadosamente o prepúcio).

Secar bem dobras, espaços interdigitais, região atrás da orelha. Observar e registrar possíveis alterações da pele.

Vestir a criança com roupas adequadas ao clima e à atividade posterior.

Após o banho, o educador deverá lavar as mãos antes de retornar à sala com a criança.

Fonte: <http://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitosde-cuidar/um-ambiente-seguro-e-saudavel-na-educacao-infantil/>

Sinais e sintomas de doenças

A diferença entre sintomas e sinais de uma doença é que os sintomas são os relatos, as queixas, aquilo que o paciente diz ao/a médico/a durante a consulta. É o que o/a médico/a escuta ou pergunta ao/a paciente durante a entrevista médica (anamnese). É uma queixa subjetiva, o que a pessoa está sentindo ou sentiu.

Já os sinais de uma doença são as imagens, os sons e outros dados objetivos que o/a médico/a vê, escuta, ausculta (com o auxílio do estetoscópio) e sente quando realiza o exame físico. É o que o/a médico/a consegue de dados pela sua observação direta. Sinais e sintomas de uma doença são coisas distintas, pois, dependem da perspectiva de quem está contando a história ou avaliando a situação na relação médico-paciente.

Fonte: <https://medicoresponde.com.br/qual-a-diferenca-entre-sintomas-e-sinais-de-uma-doenca/>

Cuidados essenciais: alimentação, repouso, higiene e proteção.

Especialistas são unânimes ao dizer que no dia dos pequenos os cuidados e a Educação devem ser articulados. “Cuida-se ao educar e educa-se ao cuidar”, explica Zilma de Oliveira, docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), campus de Ribeirão Preto.

Para que os bebês estejam bem acolhidos e preparados para uma rotina cheia de descobertas, desafios e aprendizagens, é preciso um olhar atento às questões de higiene. E isso não tem a ver só com a limpeza do ambiente, dos objetos e dos brinquedos. Envolve também o modo como

as crianças se relacionam com elas mesmas, com as outras, com o espaço ao redor e com as tarefas cotidianas. Isso inclui a hora do banho e de dormir.

A permanência em ambientes fechados (que aumenta a concentração de germes) e as mãos mal lavadas (que disseminam agentes causadores de doenças) estão entre os principais problemas das creches hoje, segundo Damaris Maranhão, docente da pós-graduação em Educação Infantil do Instituto Superior de Educação Vera Cruz (Isevec), ambos localizados em São Paulo.

Para ajudá-lo a cuidar dessas e de outras questões, NOVA ESCOLA selecionou hábitos simples, porém importantes, que precisam fazer parte do dia a dia (leia as próximas páginas). Eles ajudam a prevenir gripe, diarreia, piolho e outros males. Em todos os casos, é importante que as tarefas sejam divididas entre o professor e o auxiliar. Embora seja importante trabalhar a questão da higiene com zelo, vale lembrar que nenhum tipo de exagero é bem-vindo. “Alguns fatos podem escapar do controle vez ou outra. Nesse caso, nada de desespero”, explica Damaris. Colocar em prática todos esses hábitos ensina comportamentos adequados aos bebês. “Ao cuidar deles, transmitimos valores sobre os cuidados consigo mesmo e com o outro”, explica Mariana Exposito, diretora da Creche/Pré-Escola Saúde SAS/USP, na capital paulista.

Soninho

- Mantenha as portas e as janelas abertas, inclusive nos dias frios, para evitar o aumento de germes no ar, o que facilita a transmissão de doenças.
- Garanta que entre os colchonetes haja meio metro de distância.
- Disponha os bebês em posições opostas: a cabeça de um não deve ficar próxima à do outro.
- Assegure que todos tenham fronha e lençol próprios e identificados, assim como chupetas e paninhos.
- Auxilie as crianças a fazer a higiene nasal antes de dormir.
- Lave as chupetas após o uso com água e detergente e guarde-as em potes individuais. Amarrá-las às roupas é anti-higiênico.

Troca da fralda

- Lave as mãos antes e depois, evitando a contaminação própria e entre os bebês. Eles também devem ter as mãos lavadas, pois existe a chance de tocarem nas secreções enquanto são limpos e trocados.

- Mantenha o cesto de lixo (com pedal) próximo e descarte as fraldas sujas tão logo sejam retiradas.
- Evite fraldas de pano. É difícil acondicionar as usadas para que sejam enviadas à casa das crianças. A pré-lavagem também não é recomendada, pois há o risco de contaminação.
- Limpe o colchonete sempre antes e depois de cada troca com água e sabão. Outro procedimento possível é forrá-lo com uma toalha de uso individual (que deve ser substituída todos os dias) e, sobre ela, colocar papel toalha.
- Use luvas descartáveis só se houver machucados na criança ou em você. Mesmo assim, lave bem as mãos antes e depois.

Banho

- Garanta o uso de toalhas individuais, que devem ser penduradas em cabideiros, identificadas e separadas umas das outras. A lavagem pode ser feita na casa das crianças ou na creche a cada dois ou três dias ou sempre que houver a necessidade.
- Assegure que os pentes também sejam de uso individual e guarde-os em bolsas identificadas.
- Se o bebê estiver com a fralda muito suja, remova as fezes com lenços umedecidos ou água corrente e só então coloque-o na banheira.
- Banhe os pequenos com as mãos. Buchas e esponjas podem machucar ou transmitir doenças.
- Lave a banheira com água e detergente depois de cada banho.
- Para supervisionar a escovação da turma inteira, forme grupos com no máximo cinco integrantes.
- Auxilie as crianças a escovar os dentes, orientando os movimentos.
- Ensine aos pequenos que as escovas são de uso pessoal e descarte as que eventualmente forem trocadas entre eles.
- Os porta-escovas devem ser individuais e identificados e permitir que elas permaneçam secas e arejadas.
- Para enxaguar a boca, cada criança deve usar o próprio copo plástico.
- Troque as escovas de dente a cada três ou quatro meses.

Lavagem das mãos

- Lave as mãos com água e sabonete em abundância e ensine as crianças a fazer o mesmo ao chegar à creche, antes das refeições, depois de ir ao banheiro ou de trocar a fralda e na volta do parque. A limpeza deve incluir as palmas, os dorsos, todos os dedos, as unhas e os punhos.

- Para a secagem, dê preferência a toalhas de papel descartáveis. Se apenas as de tecido estiverem disponíveis, garanta que sejam para uso individual. Nesse caso, é fundamental que sejam trocadas com frequência a fim de serem lavadas e secas antes de serem usadas novamente.
- Combine com todos os profissionais da creche envolvidos no preparo e na manipulação dos alimentos servidos que eles lavem as mãos em pias específicas para a tarefa.
- Oriente a comunidade - o que inclui os pais dos bebês - a limpar as mãos ao entrar na creche, com água e sabão ou com álcool gel.

Alimentação

- Deixe os alimentos esfriar à temperatura ambiente. Não assopre, pois isso aumenta a chance de contaminações. - Identifique as mamadeiras com o nome dos bebês.
- Leve as crianças para o refeitório em grupos pequenos, evitando que fiquem aglomeradas enquanto se alimentam. Assim, todas podem aproveitar o momento e receber ajuda para aprender hábitos à mesa, como se servir e usar talheres.
- Reserve um espaço para que as mães amamentem os bebês, distante dos locais de troca de fralda e de banho.
- Certifique-se de que todos lavem as mãos antes das refeições, inclusive os bebês que tomam mamadeira ou mamam no peito.

Retirada das fraldas

- Garanta que as crianças usem penicos, vasos de tamanho adequado ou com tampas adaptadas.
- Estabeleça uma rotina de várias idas ao banheiro para que os pequenos se acostumem.
- Os penicos devem ser colocados sempre no banheiro, distantes do vaso sanitário e do cesto de lixo. O fundo deles deve ser forrado com papel higiênico. Terminado o uso, o conteúdo precisa ser despejado no vaso, e o objeto, lavado.
- Ajude as crianças a se limpar com papel higiênico (ou chuveirinho, se necessário), bem como a lavar as mãos em seguida.

Atividades

- Diariamente, solicite que a equipe de limpeza higienize os brinquedos depois de a criança usá-los. Coloque os materiais, a cada período de atividades, em um gaveteiro plástico, a ser

retirado pelos funcionários. Assim, todos poderão ser lavados com água e sabão e colocados para secar ao ar livre. Enquanto isso, os pequenos poderão usar uma nova leva de brinquedos.

- Assegure a ventilação dos ambientes que os pequenos frequentam, bem como a alternância entre momentos de atividades internas e externas, evitando que as crianças passem longos períodos em um único ambiente fechado, o que aumenta a chance de transmissão de males como gripes, resfriados e infecções.

Fonte: <http://paraalmdocuidar-educaoinfantil.blogspot.com.br/2013/01/higiene-os-cuidados-essenciais-nacreche.htm>